



O CHAPÉU DA ÁBA FURADA



GIANDRO GOMES



Governo do Estado do Espírito Santo

Governador

José Renato Casagrande

Vice-Governador

Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura

Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura

Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural

Rita Sarmento

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas

Nádia Alcure Campos da Costa

Instituto Sincades

Presidente

Idalberto Moro

Gerente Executivo

Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos

Ivete Paganini

Coordenadora de Projetos

Lívia Caetano Brunoro

Jornalista

Roberta Fachetti Silvestre

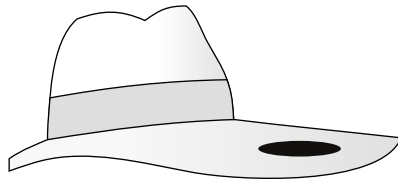
Assistentes de Projetos

Bruna Casoli

Patrícia Soares Lucio

GIANDRO GOMES

O CHAPÉU DA
ABA FURADA



Secult
Vitória, ES
2014

© Secretaria de Estado da Cultura, 2014
Governo do Estado do Espírito Santo

Coordenação Gráfica e Editorial
Márcia Selvátice Tourinho

Revisão
Ariani Caetano

Capa
Giandro Gomes

Projeto gráfico e diagramação
Link Editoração

Impressão
GSA Gráfica e Editora

Tiragem
1.000 exemplares

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Pública do Espírito Santo

G633c Gomes, Giandro.
 O chapéu da aba furada: contos/ Giandro Gomes;
 coordenação editorial de Márcia Selvátice Tourinho;
 revisão de Ariani Caetano. – Vitória - ES: Secult, 2014.
 62 p.

1. Conto Brasileiro. I. Título

CDD: B869.301

Novos horizontes e descobertas

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

São dezenas de livros lançados pela Secretaria de Estado da Cultura desde o início do Governo Renato Casagrande, demonstrando a força e pujança de nossos escritores, sendo motivo de satisfação a publicação dos livros agraciados pelos Editais da Secult 2011 a 2013.

Narrativas curtas e longas, poesias, crônicas, contos, histórias em quadrinhos, obras para o público infanto-juvenil que integram esses lançamentos são uma mostra do quanto talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Por tudo isso, podemos afirmar que levar essas obras aos leitores da Grande Vitória e do interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano através da promoção da arte e da cultura.

Todas as obras editadas pela Secult, seja através de Editais ou de parcerias como as realizadas com o Instituto Sincades e outras instituições, são distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. O lançamento destes livros, por exemplo, reafirma a política cultural de apoio permanente ao livro e ao estímulo à leitura do Governo Renato Casagrande. Assim como outras ações, como a Biblioteca Móvel — que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória dentro das ações do Estado Presente —, e a Biblioteca Transcol — que hoje conta com acervo de mais de 12 mil obras para empréstimo aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados pelos nossos escritores sejam sempre plenos de novas descobertas.

Maurício José da Silva

Secretário de Estado da Cultura

A cada livro lido, um novo capítulo na história de vida de cada leitor

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”. Atribuída a Bill Gates, essa frase resume a contribuição, cada vez maior, do Instituto Sincades à publicação de livros, especialmente de autores capixabas.

O Instituto de Ação Social e Cultura Sincades – Instituto Sincades tem como principal foco de ação apoiar e fomentar a cultura capixaba em todas as suas manifestações

A parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e da Biblioteca Estadual, tem sido profícua. O acesso gratuito às obras de autores capixabas e a distribuição de exemplares para as bibliotecas mais importantes do país e para as bibliotecas municipais capixabas democratizam e incentivam o saudável hábito da leitura. Ampliam o conhecimento de nossa produção literária, valorizam nossos autores e aproximam o autor do leitor.

Este livro, portanto, não é só mais um livro. É mais uma contribuição para que cada um de nós, leitores, possamos refletir e escrever a própria história que, após cada livro, vai se tornando cada vez mais rica.

Boa leitura.

Idalberto Moro

Presidente do Instituto Sincades

Para minha mãe.

SUMÁRIO

<i>CAPÍTULO 1</i>	13	<i>CAPÍTULO 8</i>	37
<i>Quando as três Marias ficaram velhas</i>		<i>Quando Maximino tentou destruir o chapéu pela primeira vez</i>	
<i>CAPÍTULO 2</i>	17	<i>CAPÍTULO 9</i>	43
<i>Quando as três Marias eram crianças</i>		<i>Quando as três Marias ficaram velhas e o acordo foi desfeito</i>	
<i>CAPÍTULO 3</i>	19	<i>CAPÍTULO 10</i>	45
<i>Quando as três Marias encontraram o chapéu da aba furada</i>		<i>Quando Maximino desceu os degraus da escada do tempo</i>	
<i>CAPÍTULO 4</i>	23	<i>CAPÍTULO 11</i>	51
<i>Quando as três Marias retornaram ao casarão vitoriano</i>		<i>Quando Maximino e as três Marias tentaram convencer James Ferguson</i>	
<i>CAPÍTULO 5</i>	27	<i>CAPÍTULO 12</i>	55
<i>Quando James provou à esposa que ele não era louco</i>		<i>Quando James Ferguson desceu ao último degrau da história</i>	
<i>CAPÍTULO 6</i>	33	<i>CAPÍTULO 13</i>	59
<i>Quando as três Marias aprenderam a ser adultas</i>		<i>Quando as três Marias ficaram velhas novamente</i>	
<i>CAPÍTULO 7</i>	35		
<i>Quando as três Marias ficaram órfãs</i>			

CAPÍTULO 1

Quando as três Marias ficaram velhas

Eram três irmãs gêmeas. Tinham 63 anos de idade. Não eram idênticas, nem na aparência física, nem na personalidade. A diferença de idade entre elas era de apenas um minuto, mas esse minuto deu a cada irmã uma posição hierárquica dentro do casarão onde moravam.

A mais velha, Maria Jane Ferguson, era a única que sabia dirigir. Era também a mais despojada das três irmãs. Sabia até acessar à internet da biblioteca municipal. Suas roupas eram as mais coloridas e seus vestidos, os mais curtos — dois dedos acima do joelho.

A Maria do meio, Luisa Ferguson, sabia cozinhar muito bem e, por isso, desde que a mãe morreu, Maria Luisa tomava conta da cozinha. Ela também sabia costurar, lavar, passar e engomar.

A mais nova, Maria Brida Ferguson, desfrutava das qualidades das outras irmãs, já que não sabia fazer muita coisa. Talvez, se tivesse estudado, teria sido uma excelente médica, pois sabia como ninguém diagnosticar as doenças das suas irmãs e principalmente as suas próprias. É claro que essas doenças eram sempre imaginárias, pois as três irmãs tinham saúde de ferro.

As gêmeas eram solteiras e nunca nem sequer namoraram. Mas elas não eram feias, muito pelo contrário, eram senhoras de boa aparência e, quando jovens, eram muito bonitas. Talvez o fato de terem crescido no isolado casarão, distante uns dez quilômetros da pequena cidade de Muniz Freire, tenha tirado delas a vontade de constituírem uma família. Mas isso é só uma suposição...

O casarão onde as três irmãs moravam tinha um estilo vitoriano que em nada se parecia com as demais moradias da região. O fato era que os pais das três irmãs eram imigrantes irlandeses da família Ferguson, e talvez elas fossem as únicas descendentes da Irlanda no Estado do Espírito Santo.

Na cidade, as pessoas costumavam chamar as gêmeas irlandesas de “as três Marias”. Os mais antigos e supersticiosos falavam que elas eram bruxas. Os mais novos falavam que elas eram solteironas esquisitas. Mas na verdade ninguém na cidade sabia ao certo como elas viviam, pois eram muito reservadas, e no casarão vitoriano nunca ninguém foi convidado a entrar.

Mas, apesar de toda a reclusão, as três Marias não eram rabugentas. Quando iam à cidade no antigo *Chevrolet* 1956, sorriam para todos que encontravam pelo caminho, sem exceção. E mesmo com toda a indiferença de algumas pessoas, elas nunca deixaram de tratar a todos com educação e simpatia.

As três Marias sempre deram conta do serviço doméstico. Nunca sentiram falta de empregados. Até mesmo o jardim e a horta eram cuidados por elas.

Elas viviam da aposentadoria de Maria Jane, a única irmã que trabalhou fora. Foi professora de inglês por muitos anos e se aposentou com um salário suficiente para manter a família.

Contrariando todos os boatos que corriam pela cidade, a vida das três Marias era tranquila e, de certa forma, normal: acordavam cedo. Tomavam café. Limpavam a casa. Cuidavam do jardim e depois almoçavam. À tarde, elas ouviam os antigos vinis de música celta enquanto bordavam ou então jogavam cartas. Tomavam chá com biscoitos caseiros feitos por Maria Luisa e depois tomavam uma sopa. À noite, liam poemas e romances e, por fim, iam para seus quartos dormir. E essa rotina só era quebrada quando elas precisavam ir à cidade para fazer compras, ir ao médico, ao banco ou então...

Bem, o senhor Maximino era um amigo secreto das três Marias. Ele era mais velho do que as gêmeas, já tinha passado dos 70, mas isso não era problema, ele aparentava ser bem mais novo e, como as gêmeas, também tinha saúde de ferro.

Ninguém da cidade desconfiava que o velho farmacêutico era o único que podia entrar no casarão vitoriano. E ele ia ao casarão todas as sextas-feiras, às escondidas, para jogar cartas ou então ler poemas.

Mas, inesperadamente, na noite daquela terça-feira, 17 de março de 2009, Maximino apareceu no casarão vitoriano com os olhos esbugalhados, gaguejando nervoso:

— Ela voltou!

Maria Jane, que abrira a porta para o amigo, segurou em seu braço e o conduziu à sala.

— Quem voltou? — perguntou Maria Jane, parecendo estar mais nervosa do que Maximino.

— Santa Brígida! — exclamou Maria Briga. — Ele parece que está enfartando!

— Ela voltou... ela voltou... — repetia Maximino com muita agitação.

As três irmãs arregalaram os olhos e esperaram seu amigo tomar fôlego. Elas já sabiam do que se tratava:

— Eu estava na estrada e vi o clarão no céu. — disse Maximino, sentando-se numa poltrona.

— Pode ter sido uma estrela cadente. — sugeriu Luisa, sem conseguir ser convincente na sua falsa conjectura.

Maximino olhou bem no fundo dos olhos de Luisa, se levantou da poltrona num rompante e disse:

— Vou pegar o chapéu!

— Ah, não, por favor! — Maria Jane deu um passo para trás em direção às escadas que levavam ao pavimento superior. — Nós fizemos um acordo, lembra?

— E eu fiz uma promessa! Agora saia da frente!

— Por favor, Max! Você já está velho demais! — insistiu Maria Jane, tentando impedir a passagem de Maximino.

— Não importa!

— Você enlouqueceu? — disse Maria Luisa. — Tá esquecendo que são 20 anos? Você jamais sobreviveria...

— Vocês não sabem de nada! — disse Maximino, empurrando Maria Jane e subindo as escadas.

As três irmãs o seguiram.

Maximino entrou no quarto de visitas, retirou uma chave do bolso e abriu o velho armário onde estava um chapéu velho de feltro marrom e aba larga, onde na parte frontal havia um buraco de dez centímetros de diâmetro.

— Não faça isso, Max! — alertou Maria Jane.

Maximino não lhe deu ouvidos. Pegou o chapéu e disse:

— É a última tentativa!

As três Marias olharam para Maximino, desesperadas:

— Você não pode nos abandonar! — disse Maria Jane.

Então Maximino disse para as três Marias antes de fazer menção de pôr o chapéu na cabeça:

— Desta vez, será diferente!

CAPÍTULO 2

Quando as três Marias eram crianças

Eram três irmãs gêmeas. Tinham três anos de idade.

O ano era 1949 e as três meninhas viviam felizes com os pais, Evanna e James Ferguson. Moravam todos no mesmo casarão vitoriano, distante uns dez quilômetros da pequena cidade de Muniz Freire. Sim, aquele mesmo onde as três Marias moravam quando eram velhas...

Os Ferguson eram amigos dos Favaretto e os convidavam, de vez em quando, para se reunirem no casarão vitoriano para jogar cartas.

Alano e Natalia Favaretto tinham um filho de 13 anos, Maximino Favaretto, que sempre ia à casa dos Ferguson junto com os pais. E enquanto os adultos jogavam cartas na sala de estar, Maximino era obrigado a tomar conta das gêmeas, no pavimento superior do casarão. Ele não gostava muito dessa obrigação, pois queria mesmo é estar no campinho da cidade jogando bola com seus amigos, coisa que os pais nunca o deixaram fazer, pois tinha de ter alguém para tomar conta das gêmeas enquanto eles jogavam com os Ferguson.

As três meninhas tinham a aparência encantadora: bochechas rosadas e cabelos ruivos enfeitados com fitas de cetim. Mas, apesar da aparência angelical e da boa educação que recebiam dos Ferguson, elas eram muito travessas e também muito espertas quando o assunto era esconder suas travesuras dos pais.

Maximino era o único que conhecia a índole das três gêmeas e, por isso, por diversas vezes, passou por maus bocados tomando conta delas.

Mas a pior de todas as situações que Maximino passou junto com as três gêmeas foi naquela quinta-feira, 17 de março de 1949.

CAPÍTULO 3

Quando as três Marias encontraram o chapéu da aba furada

Tudo começou quando Maximino e as três Marias estavam brincando de pique esconde no pavimento superior do casarão.

Não era a primeira vez que Maximino brincava de pique esconde com as gêmeas, e ele detestava aquela brincadeira. Era sempre a mesma coisa: Maximino ficava no quarto dos Ferguson contando até 30 enquanto as gêmeas se escondiam pelos diversos quartos do casarão. Mas naquele dia, algumas coisas diferentes aconteceram. Coisas estranhas que deixaram Maximino perturbado pelo resto da vida.

Após contar até 30 no quarto dos Ferguson, Maximino saiu em busca das três gêmeas. Ele as procurou por todos os quartos e não as encontrou. Voltou para o corredor e pensou que elas tivessem descido as escadas e, antes de decidir ir atrás delas lá embaixo, Maximino se assustou com a claridade intensa que iluminou todo o corredor, fazendo a noite parecer dia por alguns instantes. Ele foi até a janela e viu uma estranha bola de fogo no céu, que desapareceu entre as montanhas.

“*Uma estrela cadente*” — pensou Maximino, antes de começar a ouvir as risadinhas das gêmeas que vinham do sótão. Ele olhou para o teto, foi até as escadas alçapão e subiu.

As risadinhas das gêmeas vinham de dentro de um armário antigo que ficava próximo à pequena janela do sótão. Maximino aproximou-se, tentando não fazer barulho, e abriu a porta do armário.

— Achei! — disse Maximino, pensando que fosse causar nas gêmeas a euforia de sempre.

Mas as gêmeas nem se importaram com a chegada de Maximino, estavam muito entretidas disputando um curioso chapéu de feltro marrom com um buraco na aba.

Maximino suspirou aliviado. Enquanto as gêmeas se distraíam com aquele chapéu, ele poderia descansar. Então ele se sentou diante do armário, observando as três gêmeas que continuaram na disputa pelo chapéu, até que Maria Jane o pegou e o levantou com os bracinhos para impedir que as outras irmãs o pegassem.

A personalidade humana é um mistério e sempre houve a dúvida se os seres humanos já nascem com uma personalidade definida. Naquele dia, a pequena Maria Jane Ferguson provou que já tinha o dom de mandar. Foi ela quem colocou o chapéu na cabeça primeiro e imediatamente desapareceu, como se tivesse sido engolida pelo fundo do armário. Maximino olhou aquilo com espanto e se levantou. Maria Brida achou aquilo incrível! Era a brincadeira mais legal que já tinha visto. Pegou o chapéu e o colocou na cabeça. Seu sumiço foi igual ao da irmã. Maximino se espantou ainda mais e deu um passo à frente, indo em direção ao armário e, quando Maria Luisa pegou o chapéu e fez menção de pô-lo na cabeça também, Maximino se apressou, mas não foi o suficiente para impedir Luisa de pô-lo o chapéu e desaparecer como as outras irmãs.

Max então parou bem próximo ao armário e observou o chapéu. Seu corpo tremia de espanto e, depois, ele começou a suar ao deduzir que seria responsabilizado pelo desaparecimento inexplicável das três gêmeas. Então, num impulso desesperado, pegou o chapéu com o intuito de usá-lo como prova da sua inocência e desceu as escadas para contar aos pais sobre o que tinha acontecido.

Alano e Natália Favaretto riram das alegações do filho.

“De onde este moleque tirou essa ideia.” — pensaram eles, sem dar muita importância.

Mas James Ferguson ficou alarmado quando ouviu a história de Maximino e principalmente quando viu o chapéu da aba furada em suas mãos.

— Onde achou este chapéu? — perguntou James num tom que soou ameaçador para Maximino.

— Não fui eu, foram as gêmeas, e como eu já disse...

— Meu São Patrício! — exclamou James desesperado, saindo da mesa de pô-

quer e subindo as escadas correndo, pegando o chapéu das mãos de Maximino.

Evanna o seguiu.

Alano e Natália permaneceram na sala, junto com o filho. Nenhum deles entendia o que estava acontecendo.

Depois daquele dia, os Ferguson passaram muitos anos à procura das filhas desaparecidas, sem conseguir nenhuma pista do paradeiro delas.

Foi uma tragédia na família.

CAPÍTULO 4

Quando as três Marias retornaram ao casarão vitoriano

Na madrugada do dia 17 de março de 1969, James Ferguson acordou pensando que já tinha amanhecido. O quarto foi tomado por uma intensa claridade. James foi até a janela para ver o que estava acontecendo. Evanna acordou em seguida.

— O que foi, James?

— Uma estrela cadente, venha ver!

Mas quando Evanna chegou à janela, a bola de fogo já havia desaparecido entre as montanhas.

— Onde? — perguntou Evanna, antes de bocejar.

— Já se foi. Parece que caiu atrás do morro do Apolinário.

Evanna fez um sorriso debochado e voltou para a cama, dizendo:

— Se uma estrela cadente tivesse caído nessas terras, provavelmente não estaríamos mais vivos.

— Mas eu vi. Era uma bola de fogo que passou no céu em linha reta e caiu atrás da pedra.

Evanna olhou para o marido e percebeu nele um ar de preocupação.

— Você deve ter sonhado. — disse a esposa, tentando tirar aquela preocupação do marido.

— Eu não estava sonhando. — disse James, irritado. — Eu vi a bola de fogo, idêntica àquela que vi há 40 anos.

Evanna se acomodou na cama e fechou os olhos, dizendo:

— Por favor, James, não me venha com esta história de novo.

— Às vezes, acho que você não acredita mim. — disse James, voltando para a cama.

— Ah, James... Você sabe que eu não sou supersticiosa. Apesar de saber que coisas estranhas começaram a acontecer em nossa família desde o desaparecimento de seu pai e também de nossas filhas, não consigo aceitar a sua teoria de que aquele chapéu e essa tal bola de fogo, a qual nunca vi, tenham ligação com tudo isso.

— Mas têm! — disse James, um pouco irritado. — É o mais engraçado é que você acredita no poder de druidas, o qual você nunca viu, mas se nega a acreditar nas evidências da existência de algo sobrenatural que assombra nossa família há tantos anos.

Evanna abriu os olhos, empenhada a convencer o marido:

— Eu não acredito nos poderes sobrenaturais dos druidas e muito menos nos poderes de um chapéu velho e de uma bola de fogo. Acho que você foi influenciado pelas crendices do pessoal da cidade. Essa bola de fogo que você afirma ver nos céus é chamada pelas pessoas daqui de a Mãe do Ouro, que aparece a cada 20 anos para proteger um tesouro muito valioso, mudando o tesouro de lugar a cada vez que aparece. É uma lenda que, se não me engano, tem as suas origens na cultura africana ou indígena.

James fica em silêncio por alguns instantes, pensativo. Depois diz:

— Talvez tenha a ver muito mais com a nossa cultura.

— James, a Irlanda não tem nada a ver com a cultura daqui. Somos os únicos irlandeses do Estado, esqueceu? — discordou Evanna.

— Talvez tenha! — insistiu James. — Você se esqueceu da famosa lenda dos *Leprechauns*, que vigiam tesouros escondidos? Potes de ouro no final do arco-íris. É uma lenda que pode ter influenciado a crença nessa tal de Mãe do Ouro.

Evanna já estava quase dormindo, mas ainda conseguiu sussurrar:

— É, pode ser...

James Ferguson cobriu-se e não falou mais nada. Continuou acordado, olhando para o teto e analisando a conversa com a esposa. Mas suas análises foram interrompidas por um barulho vindo do sótão. James se levantou da cama e foi até a porta do quarto. Evanna despertou novamente e olhou em direção ao marido, que estava com a orelha grudada na porta.

— O que foi desta vez? A mula-sem-cabeça? — provocou Evanna.

James faz sinal para a esposa se calar e isso a preocupou. Evanna se levantou da cama sem fazer barulho e foi em direção ao marido.

— Tá ouvindo? — perguntou James cochichando.

— Parece que é o Saci-Pererê pulando com uma perna só no assoalho. — respondeu Evanna insistindo na provocação.

— Para de brincadeira! Tem alguém lá no sótão. — recriminou James, assustado. — Escuta!

Evanna colou sua orelha na porta e franziu o cenho.

— Deve ser o vento. — disse ela.

— O vento não dá risadas.

Neste instante, eles escutam o barulho de algo caindo no chão. Evanna, que até então estava sonolenta e não dando a mínima para as preocupações do marido, começa a se agitar nervosa.

— Ah, meu Deus, tem alguém no sótão! — disse Evanna, afastando-se da porta, amedrontada.

— Pegue meu taco de golfe! — disse James, sem desgrudar a orelha da porta.

— Seu taco de golfe fica no armário da sala.

— Ai, ai, ai! Pega qualquer coisa aí.

Evanna ficou confusa e olhou para todos os cantos do quarto até ver o cabideiro de madeira. Foi até ele, tirou as roupas penduradas e depois foi entregá-lo ao marido.

— Isso serve? — perguntou Evanna.

James olha para a arma improvisada.

— Serve — James pega o cabideiro das mãos da esposa e abre a porta vagarosamente. — Pegue a lamparina.

O casal sai do quarto e caminha em direção às escadas alçapão do sótão. James puxa o alçapão bem devagar para não fazer barulho e depois sobe as escadas. Evanna o acompanha.

Eles chegam ao sótão escuro e ouvem aqueles risinhos que há 20 anos não ouviam.

— São elas! — disse James, emocionado.

Evanna dá um passo à frente, segurando a lamparina e iluminando as três Marias sentadas dentro do armário.

James e Evanna arregalaram os olhos quando viram que se tratava de três jovens ruivas de aproximadamente 23 anos, que riam e brincavam como se fossem crianças de três anos de idade.

CAPÍTULO 5

Quando James provou à esposa que ele não era louco

Evanna Ferguson era uma senhora distinta com seus 56 anos de idade que sempre gostou de se vestir com elegância e, por isso, tinha muito orgulho dos seus vestidos antigos que eram guardados com muito esmero.

Ela vestiu suas filhas com os três melhores vestidos que tinha e depois as levou para a sala de estar, onde James as aguardavam, enquanto tomava um copo grande de cerveja.

As três lindas jovens desceram as escadas, foram abraçar o pai e, depois, se sentar diante da lareira. Maria Jane enfiou a mão no bolso do vestido e, com muito entusiasmo, sugeriu às irmãs:

— Vamos brincar de “*Lenço Atrás*”?

E enquanto as três moças brincavam como crianças perto da lareira, os Ferguson as observavam com estranheza e faziam suas conjecturas a respeito do retorno das filhas.

— Onde elas estiveram este tempo todo? — questionava Evanna. — Quem cuidou delas? Como conseguiram voltar para casa?

James bebeu mais um gole da sua cerveja e depois disse:

— Será que você não entende? Foi por causa do chapéu.

— Ah, James, de novo esta história...

— Evanna, olhe para elas. São crianças de três anos.

— Pois eu só consigo enxergar três moças lindas. — disse Evanna, sem desgrudar os olhos das filhas, que estavam cada vez mais entusiasmadas com a brincadeira.

— São três moças de 23 anos que agem como crianças de três. — disse James. — Você não percebe? Nós esperamos 20 anos por nossas filhas, mas para elas foi apenas um piscar de olhos. São crianças no corpo de adultas.

— O que está sugerindo? — Evanna estava confusa.

— Há 49 anos, quando meu pai me levou para pescar...

— Você já me contou esta história mais de mil vezes. — disse Evanna, interrompendo o marido.

— E vou contar mais mil vezes até você entender o que realmente está acontecendo aqui.

Evanna se calou e ouviu o marido.

— Foi em 1929. Meu pai me levou para pescar e você ficou em casa pregando as fitinhas verdes pela casa para comemorarmos o dia de São Patrício. Lembra?

— Sim, eu lembro, depois daquele dia nunca mais festejamos. — complementou Evanna com certo rancor.

James revirou os olhos, impaciente, e continuou:

— Fomos para o lago e nos sentamos numa pedra. E lá ficamos segurando nossas varas de pescar, esperando fisgar um peixe bem grande para comermos no jantar. Mas então a bola de fogo passou sobre nossas cabeças e uma fagulha daquela bola caiu exatamente na aba do chapéu de meu pai, queimando-a e formando um buraco. Fiquei paralisado, achando que a fagulha tinha machucado meu pai e depois que a fagulha terminou de queimar a aba do chapéu, ele simplesmente desapareceu diante dos meus olhos. Mas o chapéu não desapareceu.

— Não gosto de ouvir isso, pois me lembro do apelido que você ganhou na cidade quando tentou convencer o povo de que sua história de pescador era verdadeira.

— Sim, até hoje eles me chamam de “James Biruta”, mas eu não ligo, pois sei que tudo o que eu vi foi real e, por isso, guardei o chapéu para tentar provar, de alguma forma, que eu não sou louco.

— Sim! — disse Evanna ríspidamente. — Como você mesmo disse, até hoje te chamam de biruta e o fato de ter guardado este maldito chapéu não fez você provar coisa alguma.

James abaixou a cabeça e disse:

— Você tem razão: não consegui provar nada, e a minha decisão de preservar aquele chapéu fez nossas filhas desaparecerem.

— Como assim? — Evanna olhou para o marido com estranheza.

— Será que você ainda não entendeu? Quando nossas filhas colocaram o chapéu na cabeça desapareçam da mesma forma que meu pai.

— Mas o seu pai nunca mais voltou, nossas filhas estão conosco agora.

— Sim, nossas filhas de três anos de idade retornaram no corpo de adultas, e isso significa que...

— Isso significa o quê? — Evanna estava ficando cada vez mais irritada com as suposições do marido. — *Tá* querendo dizer que o chapéu do seu pai é uma espécie de máquina do tempo? Ah, James, por favor, pare de acreditar nessas coisas.

— Evanna, eu não sou louco! Olhe para elas, veja como estão se portando. Nós esperamos 20 anos pelo retorno de nossas filhas e elas retornaram como se nada tivesse acontecido durante estes 20 anos. O chapéu as mandou para o futuro e, com certeza, elas devem estar achando que estão naquela noite de 17 de março de 1949.

— *Tá!* Considerando que suas suposições estejam corretas, então porque o seu pai não retornou como elas?

James ficou confuso.

— Não sei. Na época meu pai já era bem idoso, e talvez estivesse predeterminado a morrer em menos de 20 anos. Por isso não retornou.

— James, eu sinto muito, mas essa sua ideia é absurda demais.

James olhou bem no fundo dos olhos da esposa e se levantou da mesa.

— Vou provar para você do que aquele chapéu é capaz de fazer. — disse James antes de subir as escadas.

Ele foi até o sótão e pegou o chapéu da aba furada que fora guardado há muitos anos no mesmo armário onde as gêmeas desapareceram.

Quando Evanna viu James descendo as escadas com o chapéu na mão, começou a sentir um frio na barriga.

— O que você vai fazer?

James não respondeu. Colocou o chapéu da aba furada sobre a mesa e saiu do casarão. Minutos depois retornou com uma de suas ovelhas, amarrada pelo pescoço por uma corda.

— O que está fazendo, James? — disse Evanna, desesperada ao ver as pegadas de barro deixadas pela ovelha no assoalho encerado e limpo da sala.

— Me dá o chapéu! — disse James sem largar as cordas que prendiam a ovelha.

— Isto é loucura! — disse Evanna, levantando-se da cadeira,

— Me dá logo a droga desse chapéu! — gritou James.

Evanna deu-se por vencida e entregou o chapéu da aba furada ao marido.

James então encaixou o chapéu na cabeça da ovelha e finalmente conseguiu provar a esposa que ele estava certo: o animal desapareceu diante dos olhos do casal, deixando para trás o chapéu.

Evanna ficou paralisada e depois sentiu uma onda de tontura que a fez fechar os olhos e cambalear. James foi até a esposa e a segurou nos braços, impedindo-a de cair no chão.

E enquanto James tentava reanimar a esposa, Maria Jane viu o chapéu no chão e ficou eufórica.

— Olha ali! — disse Maria Jane às irmãs, antes de se levantar para buscar o chapéu.

James, preocupado com a esposa desmaiada, nem percebeu que o chapéu estava nas mãos de Jane, que iniciou o alvoroço entre as irmãs.

— Agora é a minha vez de ir primeiro — disse Maria Brida.

— Não, o chapéu é meu. — revidou Jane.

— Eu vou contar pro papai! — ameaçou Luisa.

O alvoroço das gêmeas fez Evanna despertar. Ela olhou em direção das filhas e gritou desesperada:

— Larguem este chapéu!

James soltou a esposa, que desabou no chão e foi até as filhas que continuavam na disputa pelo chapéu da aba furada.

James olhou apavorado para Maria Jane, que já estava pronta para pôr o chapéu na cabeça.

— Essa brincadeira é muito legal, papai! — disse Maria Jane, fazendo menção de pôr o chapéu na cabeça, mas James Ferguson foi mais rápido que a filha e tirou o chapéu de suas mãos.

— Isso não pode estar acontecendo! É um absurdo. — Evanna olha para o marido com raiva. — Foi tudo culpa sua!

— Mas eu só queria te provar que...

— Maldição! Este chapéu é uma maldição. — disse Evanna, levantando-se do chão e pegando o chapéu das mãos de James na intenção de jogá-lo na lareira.

— Não faça isso! Não sabemos o que pode acontecer se o destruímos. — disse James.

Evanna estava transtornada e indecisa. Pensou no que o marido disse e decidiu acatar a sua ordem.

James sorriu aliviado e confuso.

CAPÍTULO 6

Quando as três Marias aprenderam a ser adultas

Depois daquela noite, o casal Ferguson decidiu esconder o chapéu da aba furada no armário do quarto de visitas, que foi devidamente trancado por um enorme cadeado, cuja chave ficava sempre no bolso de James.

As três Marias tiveram de aprender a se portar como adultas. E Evanna teve grande trabalho para ensinar em um ano o que as jovens deveriam ter aprendido em 20. O resultado foi razoável. As três Marias conseguiram abandonar as brincadeiras infantis e aprenderam a trabalhar em casa. Maria Jane foi a que mais rapidamente aprendeu os ensinamentos da mãe e, por isso. Foi a única das três Marias que conseguiu aprender o idioma inglês. Mas, apesar disso, Evanna não conseguiu tirar das três Marias a sua inocência infantil e, por isso, o casal Ferguson as vigiava constantemente e raramente as levava à cidade para não expô-las aos olhares dos solteiros. Para o casal, as três jovens gêmeas ainda tinham três anos de idade.

Naquela época, Maximino estava com 33 anos, já havia se formado na faculdade e era dono da farmácia que herdara dos falecidos pais, Alano e Natália Favaretto, que morreram num acidente de carro, 18 anos após o desaparecimento das gêmeas. Quando Maximino soube do retorno das três Marias, foi correndo ao casarão vitoriano, onde James Ferguson o recebeu com um pedido de perdão por tê-lo acusado, durante 20 anos, pelo desaparecimento das filhas. E, desde então, Maximino voltou a frequentar a casa dos Ferguson. Ele era o único que podia visitar as três Marias, mas suas visitas ao casarão sempre eram secretas, para que os outros solteiros da cidade não se sentissem esperançosos.

As visitas de Maximino ao casarão tinham um propósito, pois, além dos Ferguson, somente Maximino conhecia o poder do chapéu e, por isso, James o cha-

mou para fazer um estudo minucioso sobre o chapéu da aba furada.

E enquanto Evanna cuidava da educação das filhas, James e Maximino permaneciam, por várias horas, trancados no quarto de visitas, fazendo suas pesquisas e anotações sobre o chapéu.

E depois de quase um ano de pesquisa, chegaram às seguintes conclusões:

A bola de fogo aparecia naquela região uma vez a cada 20 anos, exatamente na noite do dia 17 de março e seu paradeiro era sempre diferente a cada aparição. Esse fato coincidia com as lendas que contavam na cidade sobre a suposta existência de uma bola de fogo encarregada de esconder um tesouro valioso entre as montanhas da região. As pessoas a chamavam de a Mãe do Ouro.

A fagulha desprendida da bola de fogo em 17 de março de 1929, que caiu sobre o chapéu de Brian Ferguson, pai de James, deu ao chapéu o poder de fazer as pessoas viajarem no tempo, mais precisamente 20 anos para o futuro. Entretanto esse poder só era dado ao chapéu na ocasião da aparição da bola de fogo, ou seja, no dia 17 de março, a cada 20 anos.

Curiosamente, as pessoas que viajavam no tempo sofriam o envelhecimento físico dos 20 anos, mas suas mentes não registravam memórias e conhecimentos desse lapso temporal. Elas perdiam 20 anos de sua própria história.

Diante dessas conclusões, James Ferguson e Maximino começaram a traçar um plano para devolver às três Marias os 20 anos que perderam por causa do chapéu da aba furada. Eles deduziram que só conseguiriam essa proeza se queimassem o chapéu no mesmo fogo que queimou sua aba.

Mas, para conseguir isso, eles teriam de esperar 20 anos...

CAPÍTULO 7

Quando as três Marias ficaram órfãs

O ano era 1988. Nessa época, James Ferguson já era viúvo. Evanna contraiu tuberculose e morrera havia cinco anos. Desde sua morte, o casarão vitoriano se encheu de tristeza e James Ferguson nunca se conformou com a morte da amada esposa.

As três Marias já eram quarentonas e, junto com Maximino, cuidavam de James Ferguson, que já estava bem debilitado devido aos seus 78 anos e a sua úlcera no estômago.

Mas, apesar da sua saúde debilitada, que o obrigava a ficar constantemente acamado, James continuava com sua ideia fixa de destruir o chapéu, mas ele sabia que sua morte estava próxima e, por isso, fez Maximino prometer que faria o serviço por ele.

— Falta só um ano para ela voltar — cochichou James a Maximino, que estava lhe aplicando uma injeção no braço. — Eu sei que não vou conseguir viver até lá, mas quero que você me prometa que destruirá o chapéu por mim.

— O trato é destruímos o chapéu juntos, lembra? — disse Maximino, retirando a agulha do braço de James.

— Você sabe que não vou estar aqui para te ajudar. — disse James com uma convicção tão dolorosa que inibiu Maximino de falar.

— Prometa-me que vai destruí-lo! — insistiu James, enfiando a mão no bolso do pijama e entregando a Max a chave do cadeado do armário onde havia guardado o chapéu.

Maximino sentiu vontade de chorar. Sabia que James estava certo. O médico lhe dera menos de três meses de vida, e a única coisa que Max podia fazer naquele momento era acatar o pedido do velho amigo.

— Eu prometo!

A previsão do médico estava correta, e no dia 24 de junho de 1988, James Ferguson morreu.

CAPÍTULO 8

Quando Maximino tentou destruir o chapéu pela primeira vez

O dia era 17 de março de 1989. Maximino e as três Marias estavam na sala de estar, sentados no sofá diante da lareira.

Maximino estava muito agitado. Em suas mãos, estava o chapéu da aba furada. As três Marias olhavam para ele com preocupação. Nunca tinham visto o amigo daquele jeito.

Ele se levantou e foi até a janela. Maria Brida havia se encarregado de contar quantas vezes Maximino tinha se levantado do sofá para ir até a janela.

— Vigésima quarta. — cochichou Brida com as irmãs.

Elas riram baixinho.

— Já era pra ter aparecido! — disse Max irritado.

— Só você mesmo, Max, para acreditar nessas coisas! — disse Maria Jane.

— Você não sabe de nada! — disse Max rispidamente.

— Essa história é coisa de gente biruta! — provocou Brida.

Max olhou para Maria Brida e se lembrou do velho amigo, James Ferguson.

— Sabia que era assim que as pessoas da cidade chamavam seu pai? — reprimou Max.

— Por que você não deixa a gente usar o chapéu? Assim acabamos de vez com essa história de viagens no tempo.

Max esconde o chapéu atrás de si.

— Fiquem longe dele. — disse Max com a voz ameaçadora. — Eu não preciso provar nada a vocês.

Nesse instante, surge uma ovelha no meio da sala e começa a correr para todos os lados.

— Santa Brígida! De onde veio esse bicho? — disse Maria Luisa.

As três Marias subiram no sofá e se desesperavam com a bagunça que a ovelha fazia na sala, derrubando objetos e móveis.

— Max, faça alguma coisa! — ordenou Jane, irritada com a inércia do amigo.

Maximino abriu a porta da sala e espantou a ovelha para fora. Depois, olhou para as três Marias e disse triunfante:

— Eis a prova!

— O que tem a ver essa maldita ovelha com a sua história absurda? — desafiou Maria Jane.

— O seu pai me contou que uma vez colocou este chapéu na cabeça de uma ovelha, fazendo-a desaparecer para provar a sua mãe que ele não era louco. Isso foi há exatamente 20 anos.

As três Marias se calaram, desceram do sofá e foram arrumar a bagunça.

Mas não demorou muito tempo e a noite começou a clarear. Maximino saiu do casarão, e as três Marias o acompanharam.

Foi então que eles viram a bola de fogo no céu.

Maria Brida ficou histérica:

— São Patrício, o mundo tá acabando!

— O que é isso, Max? — perguntou Jane, assustada.

Maximino ficou calado e acompanhou, com os olhos atentos, a bola de fogo, que desapareceu bem no meio do Vale do Guarani.

— Droga, ela caiu muito longe daqui! — disse Max, pegando as chaves do *Chevrolet* em seu bolso e entrando no carro. Ele olhou para as três Marias e se irritou com a lerdeza delas: — Andem logo, não temos muito tempo.

Elas se entreolharam e depois entraram no carro.

Maximino pisou fundo no acelerador e em menos de 15 minutos já estavam no vale.

Da estrada dava para ver o clarão no meio de uma pedreira, a uns 500 metros.

Max saiu do carro apressado.

— Anda logo! — disse Max, enfiando-se no meio do mato.

As três Marias se entreolharam desanimadas e depois seguiram o amigo.

Eles caminharam no meio do mato por uns 30 minutos até chegarem ao pé da pedreira, onde a claridade da bola de fogo saía de dentro de uma fenda.

Maria Brida foi a primeira a demonstrar sua indignação:

— Eu é que não vou subir nessas pedras.

— Quem garante que aquela luz é da tal bola de fogo? — complementou Luisa.

— Deve ser um bando de arruaceiros que acenderam uma fogueira lá. Devem estar enchendo a cara! — finalizou Jane.

Max não deu ouvido às reclamações das gêmeas e começou a escalar a pedreira.

— Vamos embora, Max. Não tem nada lá. — sugeriu Maria Jane.

— Se não quiserem subir comigo, que fiquem aí com as cobras e os sapos — respondeu Max, irritado.

As três Marias não tiveram coragem de acompanhá-lo, mas ficaram preocupadas com as cobras e os sapos.

Maximino já estava no meio da pedreira e, por vezes, perdia o equilíbrio e escorregava. Mas ele estava decidido a chegar até o fim e continuou.

Foi difícil chegar até aquela fenda, mas Maximino conseguiu. E lá estava a bola de fogo, pairando sobre um pote de ouro dentro da caverna.

Maximino se aproximou receoso, segurando o chapéu e se preparando para arremessá-lo em direção à bola de fogo.

Aproximou-se mais um pouco e parou. A bola de fogo fez um pequeno movimento, como um animal acuado. Maximino percebeu que tinha de ser rápido, pois a bola estava prestes a fugir da caverna. Então ele respirou fundo e arremessou o chapéu em sua direção.

Por pouco, Maximino não foi atingido pela bola de fogo que saiu da caverna levando o pote de ouro, passando bem próximo ao seu ombro esquerdo. O chapéu em chamas caiu no chão e Maximino observou com satisfação o chapéu ser reduzido a cinzas.

Eles voltaram para o casarão vitoriano e se sentaram à mesa da sala de estar.

— Que coisa estranha! — disse Jane. — Aquela bola de fogo definitivamente não é deste mundo.

— É coisa do diabo. — deduziu Brida.

— Parecia um meteoro. — completou Luisa.

Max olhou para as três Marias por um longo tempo e depois perguntou:

— Vocês estão se sentindo diferentes?

— Ai, meu Deus! Por quê? Eu estou pálida? — preocupou-se Brida.

— Eu to sentindo dores nas pernas. — disse Jane.

— E eu to com enjoo. — disse Luisa.

Max revirou os olhos.

— Não estou falando disso. Quero saber se estão pensando diferente, se estão se lembrando da infância e adolescência de vocês.

— Eu continuo a mesma de sempre! — disse Jane.

As outras irmãs disseram a mesma coisa.

— Mas... — Max levantou-se da cadeira e começou a andar pela sala, meio confuso — ... era para vocês se lembrarem dos 20 anos em que ficaram desaparecidas. Seu pai me disse que a destruição do chapéu era a única forma de devolver a vocês a infância e adolescência perdidas. Eu não entendo...

Max se calou e arregalou os olhos. No assoalho da sala, em frente à lareira, estava o chapéu da aba furada, intacto.

— Não pode ser! — balbuciou Max.

As três Marias correram lá para ver.

— Mas você não disse que o havia destruído? — questionou Jane.

— Eu o vi queimando até se transformar completamente em cinzas. Tenho certeza disso!

— Você pode ter se enganado. — disse Brida com certo cinismo.

— Eu não sou louco! — berrou Max, muito nervoso. — Eu destruí este chapéu e não entendo por que ele voltou...

Max olhou para as gêmeas e se sentiu extremamente culpado por não ter conseguido cumprir a promessa que fizera a James Ferguson.

— Acho melhor trancarmos o chapéu no armário e esquecermos essa história. — sugeriu Jane.

As outras irmãs concordaram.

— Vocês têm razão. — disse Maximino, levantando-se e pegando o chapéu do chão.

— Mas queremos que você esqueça essa história de uma vez por todas. Combinado? — propôs Jane.

Max olhou para o chapéu da aba furada com desânimo e resmungou:

— Combinado.

Eles subiram até o quarto de visitas e trancaram o chapéu da aba furada de volta no velho armário.

Depois daquele dia, não falaram mais sobre ele nem sobre viagens no tempo e bolas de fogo.

Mas, quando as três Marias ficaram velhas, tudo mudou...

CAPÍTULO 9

Quando as três Marias ficaram velhas e o acordo foi desfeito

As três Marias estavam no quarto de visitas tentando convencer o velho Maximino a não colocar o chapéu na cabeça. Isso aconteceu naquela terça-feira, 17 de março de 2009.

— Não faça isso, Max! — alertou Maria Jane.

Maximino não lhe deu ouvidos. Pegou o chapéu e disse:

— É a última tentativa!

As três Marias olharam para Maximino, desesperadas:

— Você não pode nos abandonar! — disse Maria Jane.

Então, Maximino disse para as três Marias antes de fazer menção de pôr o chapéu na cabeça:

— Desta vez, será diferente!

— Espera! — gritou Jane, desesperada.

Maximino se assustou com a reação da amiga e esperou ela falar:

— Nós três já perdemos nossa infância, nossa adolescência, nossos pais e agora vamos perder nosso único amigo! — Jane estava em prantos.

— Largue este chapéu e fique com a gente! — implorou Brida.

— Esqueça a promessa que fez ao nosso pai. Nós decidimos o que queremos. — completou Luisa.

Max então se calou por alguns instantes. Sua expressão indicava tristeza e incerteza. Depois, disse às três Marias:

— Desde a última vez que tentamos dar fim a este chapéu... — revelava Maximino — ... que eu não parei de pensar numa outra forma de destruí-lo. E cheguei à conclusão de que o chapéu da aba furada não pode ser destruído.

— Como assim? — perguntou Luisa.

— Eu e o senhor James fomos muito tolos! O que devemos fazer é impedir que o chapéu seja queimado pela fagulha da bola de fogo.

— Mas isso foi em 1929. — disse Jane.

— Sim! 17 de março de 1929. O dia em que seu avô Brian Ferguson levou James para pescar no lago.

— Então se a sua conclusão estiver correta, jamais conseguiremos, pois, como você disse, o chapéu só leva para o futuro. — concluiu Maria Luisa.

Maximino então fez um sorriso cheio de mistério e ergueu o chapéu de um jeito que o furo de sua aba ficasse em direção às três Marias.

— Esse foi o nosso grande erro! — disse Maximino sorrindo.

— O quê? O chapéu? — perguntou Brida.

— Vocês não entenderam? — desafiou Maximino — Olhem bem para ele: a fagulha queimou a parte da frente da aba. Por isso o chapéu só leva para o futuro, a não ser que...

Maximino girou o chapéu, apontando o buraco da aba para trás.

— Entenderam agora? Se usarmos o chapéu ao contrário, com o buraco da aba virado para trás, então voltaremos ao passado, e tenho certeza de que voltaremos com a consciência e a sabedoria que temos no presente, da mesma forma que vocês viajaram para o futuro e mantiveram a mente de crianças de três anos.

— E se você estiver errado? — disse Luisa.

— Tenho certeza de que não estou. Até daqui a pouco... — disse Maximino, colocando o chapéu com sua aba furada para trás e desaparecendo diante das três Marias.

CAPÍTULO 10

Quando Maximino desceu os degraus da escada do tempo

O dia era 17 de março de 1989. Maximino e as três Marias estavam na sala de estar, sentados no sofá diante da lareira.

Maximino estava muito agitado. Em suas mãos estava o chapéu da aba furada. As três Marias olhavam para ele com preocupação. Nunca tinham visto o amigo daquele jeito.

Mas, de repente, Maximino sentiu-se estranho e parou de se agitar. Levantou-se e foi até o espelho ao lado da lareira e viu seu rosto mais jovem. Percebeu que a sua teoria estava certa: ele tinha voltado 20 anos no tempo.

Maximino sorriu e comemorou:

— Eu estava certo!

As três Marias se entreolharam e cochicharam entre si:

— Ele pirou de vez!

Maximino olhou para o chapéu em suas mãos e começou a andar pela casa comemorando e, de repente, tropeçou na ovelha que surgiu do nada, fazendo Maximino cair de cara no chão.

— Santa Brígida! De onde veio este bicho? — disse Maria Luisa.

As três Marias subiram no sofá e se desesperavam com a bagunça que a ovelha fazia na sala, derrubando objetos e móveis.

— Max, levante-se daí e faça alguma coisa! — ordenou Jane irritada.

Maximino se levantou, pegou o chapéu e o colocou na cabeça com a aba furada virada para trás. Mas, antes, disse às três Marias:

— Até daqui a pouco...

Na madrugada do dia 17 de março de 1969, Maximino Favaretto acordou pensando que já tinha amanhecido. O seu quarto foi tomado por uma intensa claridade. Max foi até a janela para ver o que estava acontecendo e viu a bola de fogo passando sobre a igreja matriz da cidade. Ele sorriu por alguns instantes ao perceber que tinha chegado ao seu destino, mas o seu sorriso foi se desfazendo ao perceber que o chapéu não estava com ele.

“*Tenho de ir à casa dos Ferguson.*” — pensou Maximino, saindo do quarto às pressas.

Ele não tinha pensado que naquela noite ele estava em casa e, pior ainda, que James Ferguson ainda o acusava de ter sido o responsável pelo desaparecimento das gêmeas.

Maximino arreou seu cavalo e partiu em disparada para o casarão.

James Ferguson estava nos arredores do casarão vitoriano puxando uma ovelha teimosa quando ouviu o trotar do cavalo de Maximino.

— Quem está aí? — perguntou James com a voz ameaçadora.

Maximino desceu do cavalo e disse com muita cautela.

— Sou eu, Maximino Favaretto.

— O que está fazendo aqui a esta hora? — perguntou James ríspidamente.

— Por favor, senhor James, eu não tenho muito tempo. Preciso que me dê o chapéu.

— Como? — berrou James, assustando ainda mais a ovelha. — Você sabe que não é bem-vindo nestas terras.

— E o senhor sabe muito bem que não tive culpa pelo desaparecimento de suas filhas. — revidou Maximino, aproximando-se de James.

— Você é mesmo um desgraçado!

— Senhor James, por favor, estou aqui para consertar toda essa desgraça. Eu sei que vai usar esta ovelha para provar a sua esposa de que o senhor não é louco.

— Como você sabe disso? — James começou a desconfiar ainda mais de Maximino.

— Não tenho muito tempo para explicar ao senhor, mas sei que suas filhas voltaram e estão neste exato momento brincando na frente da lareira.

— Quer dizer então que você estava nos vigiando? Seu desgraçado, saia logo das minhas terras.

— Sinto muito, senhor James, mas tenho de pegar o chapéu da aba furada que está sobre a mesa da sala.

Maximino correu em direção ao casarão e James soltou a ovelha e foi atrás dele, gritando alto:

— Não ouse entrar em minha casa!

Maximino abriu a porta e viu Evanna sentada à mesa e as três Marias próximas à lareira. Todas se assustaram com a sua chegada.

— Maximino, o que está fazendo aqui? — perguntou Evanna, levantando-se da cadeira.

James entra na sala logo em seguida e ordena à esposa:

— Não o deixe pegar o chapéu!

Evanna ficou confusa, mas obedeceu a ordem do marido quando Maximino correu em sua direção. Ela pegou o chapéu e subiu as escadas. James Ferguson empurrou Maximino para o chão e lhe acertou um soco no olho direito.

Não era a intenção de Max machucar o senhor James, mas ele foi obrigado a quebrar o nariz do amigo com uma forte pancada, fazendo James Ferguson cair desmaiado.

As três Marias gritaram assustadas e correram em direção ao pai.

Maximino subiu as escadas e procurou por Evanna. Ouviu o barulho de uma porta se fechando no final do corredor. Era do quarto dos Ferguson. Ele correu até lá e pegou na maçaneta, mas a porta estava trancada. Max tentou convencer Evanna a abrir a porta:

— Por favor, senhora Evanna, abra a porta e me entregue o chapéu.

— Vai embora! — gritou Evanna assustada.

Maximino não perdeu tempo. Afastou-se da porta e a arrombou com um forte chute.

Evanna estava encolhida num canto do quarto, protegendo o chapéu com os braços.

— Saia do meu quarto, seu louco! — disse Evanna.

Maximino aproximou-se dela e estendeu a mão, dizendo:

— Por favor, senhora Ferguson, dê-me o chapéu e eu prometo que desapareço daqui.

Evanna olhou para Maximino e percebeu que ele não sairia daquele quarto sem levar o chapéu.

Ela pensou por alguns instantes e, mesmo relutante, deu a Max o que ele queria.

Maximino agradeceu aliviado e, imediatamente, colocou o chapéu na cabeça, desaparecendo diante de Evanna Ferguson.

Na noite daquela quinta-feira, 17 de março de 1949, Maximino caminhava pelo corredor do casarão vitoriano, procurando pelas três gêmeas. Ele só não se assustou com a claridade intensa que iluminou todo o corredor, pois sua mente do futuro já estava no corpo do menino de 13 anos e ele já estava cansado de ver aquela maldita bola de fogo.

Maximino correu até o sótão e abriu a porta do armário onde as três meninas estavam brincando com o chapéu.

Maximino se aproximou da pequena Maria Jane e tentou pegar o chapéu dela, mas teve uma grande surpresa quando Maria Jane lhe falou:

— Chegamos primeiro que você! — disse Jane dando uma boa gargalhada. Bida e Luisa também riram.

— Como assim? — perguntou Maximino, meio confuso,

— Você estava certo, meu amigo. — disse a pequena Brida articulando perfeitamente as palavras. — O chapéu também pode nos levar para o passado. Esta é a coisa mais incrível que eu já vivi!

— Minha nossa senhora! — disse o jovem Max. — Vocês usaram o chapéu!

— Achou que deixaríamos você sozinho nesta? — disse a pequena Luisa. — Só acho que você não deveria ter quebrado o nariz do papai.

Max revirou os olhos impaciente.

— *Tá certo!* — disse Maximino. — Muito obrigado por se preocuparem comigo, mas agora vocês chegaram ao final da viagem.

— Mas por quê? — perguntou Jane. — Temos de chegar até 1929, quando tudo começou.

— Esqueceram que vocês têm três anos de idade? — disse Maximino, cheio de razão. — A viagem é de 20 anos, portanto vocês não vão existir em 1929.

Ao terminar de dizer essas palavras, Maximino arregalou os olhos apavorados.

— Droga! — disse Max, pondo a mão na testa.

— O que foi? — perguntou Jane.

— Eu esqueci que eu também não posso mais usar o chapéu. Tenho só 13 anos e, como vocês, não existirei em 1929.

— E o que vamos fazer? — perguntou Brida.

Maximino estava confuso e começou a andar de um lado a outro no sótão.

Maria Luisa se agitou e disse com entusiasmo:

— Não será preciso voltar mais no tempo. Nós voltamos a ser crianças de novo. É só não usarmos o chapéu que viveremos os 20 anos que perdemos.

As irmãs olharam para Luisa e concordaram com ela.

Mas Maximino discordou:

— Vocês são muito burras! Acham mesmo que terão uma infância e uma adolescência de verdade com a mente de velhas caducas? O que temos de fazer é convencer o senhor James a usar o chapéu, pois ele estava presente no momento em que a aba do chapéu do seu avô foi queimada.

CAPÍTULO 11

Quando Maximino e as três Marias tentaram convencer James Ferguson

James e Evanna Ferguson estavam muito animados com aquela partida de pôquer. Alano e Natália, por sua vez, estavam sérios, compenetrados em achar um meio de perder com dignidade.

Maximino desceu as escadas com muita agitação e chamou James Ferguson para subir ao pavimento superior.

— O que aconteceu? — perguntou James, preocupado.

— Precisamos conversar! — respondeu Maximino, sem conseguir esconder o modo austero de falar que tinha adquirido durante anos.

— Pode falar aqui, senhor Maximino Favaretto. — disse James, num tom brincalhão.

— Senhor James, precisamos conversar sobre o chapéu de Brian Ferguson, seu pai.

James olhou para o casal Favaretto com certo rancor.

— O que vocês andaram contando ao seu filho a meu respeito? — indagou James a Alano e Natália. — Disseram a ele que eu sou “Biruta”?

Maximino ficou ainda mais impaciente:

— Senhor James — insistiu Maximino. — Isso não tem nada a ver com o apelido que as pessoas da cidade te colocaram. Eu sei que a sua história é real e se o senhor não me ouvir agora, muitas coisas ruins poderão acontecer. Por favor, venha comigo!

James Ferguson largou as cartas sobre a mesa e olhou atentamente para aquele garoto que falava como um adulto.

— Como você poderia saber? — perguntou James à Maximino. — Você é um garoto e não sabe de nada a respeito do chapéu.

— Sei sim! — revidou Maximino. — O senhor sabe que aquele chapéu possui estranhos poderes, mas não sabe do que ele realmente é capaz de fazer com as pessoas. Hoje completam-se 20 anos que seu pai desapareceu diante dos seus olhos nas margens daquele lago e posso apostar a minha vida de que o que o senhor mais deseja é desvendar esse mistério.

James ficou confuso, tentando se convencer de que Maximino queria mesmo era caçoar dele, mas o estranho comportamento do menino fez James Ferguson acatar o seu pedido.

— Eu já volto. — disse James, levantando-se da mesa e subindo as escadas com Maximino.

Evanna fechou os olhos, envergonhada.

Maximino conduziu James pelo corredor, pedindo para que ele se apressasse.

— Não temos muito tempo, senhor James. Venha!

Maximino abriu a porta do quarto de visitas e entrou primeiro. James olhou para o chapéu da aba furada sobre a cama e ficou muito irritado:

— Garoto intrometido, como pôde xeretar no armário onde guardo as coisas de meu pai?

Maximino pegou o chapéu e disse:

— Calma, senhor James, na verdade quem encontrou este chapéu foram suas filhas. Mas isso não vem ao caso agora.

— Devolva-me este chapéu agora, Maximino Favaretto! — ordenou James.

— Vou devolvê-lo, mas só depois que o senhor se sentar e ouvir o que tenho a dizer.

James olhou para o garoto e sentiu vontade de lhe dar uma surra, mas se conteve e se sentou na cama.

Maximino então começou:

— Naquela noite, enquanto o senhor e o seu pai estavam pescando, a bola de fogo surgiu no céu e soltou uma pequena fagulha que caiu sobre a aba deste chapéu, deixando este buraco e fazendo o senhor Brian Ferguson desaparecer em seguida...

— Isso não é novidade para ninguém. — interrompeu James. — Conteí essa história para todos da cidade e ninguém acreditou em mim, nem Evanna, minha própria esposa.

— Mas eu acredito no senhor e preciso que o senhor acredite no que vou lhe dizer.

— Diga! — disse James, sem muita paciência.

— Brian Ferguson desapareceu naquela noite, pois o chapéu o levou para o futuro, mas o seu pai estava destinado a morrer em menos de 20 anos, por isso nunca retornou.

James Ferguson riu do menino.

— Se continuar com esta história, vou lhe pôr o apelido de Max Biruta.

— Senhor James, queria lhe explicar mais sobre o poder deste chapéu, mas não temos muito tempo. Depois de anos, descobri que o chapéu pode fazer as pessoas voltarem ao passado.

— Espera aí. Quer dizer que você veio do futuro?

— Sim, senhor James, viajei 60 anos para chegar até este dia.

Novamente, James riu do menino e se levantou da cama dizendo:

— O que anda lendo? Júlio Verne? Pare de zombar de mim e me devolva o chapéu.

— Mas senhor...

Neste instante entram no quarto as três Marias.

— Ele está dizendo a verdade, papai. — disse Maria Jane.

James olhou para a pequena filha e se espantou com a forma como ela falava.

— O senhor precisa acreditar, caso contrário nos perderá por 20 anos. — disse Maria Brida, aumentando ainda mais o espanto do pai.

— Nós também viemos do futuro, acredite! — disse Luisa.

— Mas o que está acontecendo aqui?! — James estava completamente desorientado. — Vocês estão falando como adultas!

— Nós temos 63 anos. — disse Jane.

— Pare de bobagem, Maria Jane Ferguson! Vocês têm apenas três anos.

— Temos o corpo de crianças, mas nossas mentes são do futuro. — disse Maria Luisa.

Maximino se aproximou de James.

— O senhor precisa voltar àquela noite de 1929 e impedir que o a fagulha da bola de fogo queime o chapéu.

— Está sugerindo que devo viajar para o passado? — perguntou James com sarcasmo.

— Sim. O senhor deve usar o chapéu e voltar ao dia 17 de março de 1929.

— Acho melhor descer e continuar meu jogo. — disse James, fazendo menção de sair do quarto, mas Maria Jane trancou a porta e escondeu a chave no bolso de seu vestido.

— Maria Jane Ferguson. — disse James com a voz ameaçadora. — Abra esta porta ou vai levar umas boas palmadas.

— Se quiser sair deste quarto, vai ter de usar o chapéu! — respondeu Maria Jane com firmeza.

Pai e filha começaram a discutir e enquanto isso Brida e Luisa faziam sinal para Maximino colocar o chapéu na cabeça do pai.

Maximino subiu na cama e rapidamente encaixou o chapéu na cabeça de James, que desapareceu logo em seguida.

CAPÍTULO 12

Quando James Ferguson desceu ao último degrau da história

Brian Ferguson disse ao filho nas margens do lago, enquanto pescavam:

— Lembra-se de quando chegamos nestas terras há dois anos e vimos este lago pela primeira vez?

— Claro! Foi por causa dele que o senhor resolveu comprar o rancho. — respondeu o jovem James Ferguson.

Brian sorriu.

— E você sabe por que este lago me fez comprar estas terras?

James ficou calado por alguns instantes e depois arriscou uma resposta:

— Deve ser porque ele é muito bonito.

— Sim, ele é muito bonito, mas não foi só por causa disso. Foi nas margens de um lago muito parecido com este que pedi a mão de sua mãe em casamento, lá na Irlanda.

James olhou para o pai e percebeu naquele sorriso uma melancolia que nunca havia percebido.

— O senhor sente muita falta dela, não é? — disse James.

— E como sinto. — confirmou Brian. — Pensei que fosse morrer logo em seguida, tamanha foi a minha tristeza, mas, graças a São Patrício, ela me deixou um filho como você.

James sentiu-se orgulhoso com as palavras do pai. Era muito raro o velho Brian Ferguson falar de seus sentimentos.

— Sabe, filho, sinto muita saudade de sua mãe e da Irlanda. Apesar de amar cada pedacinho daquele país, não podia mais viver no meio de toda aquela desordem, como também não poderia deixar você à mercê de fanáticos políticos. Você é a única coisa que me restou na vida e não me arrependo de ter trazido

— você e sua esposa para o Brasil. Aqui temos paz e tranquilidade e não existe coisa mais importante neste mundo do que a paz. Eu só me entristeço por saber que não conhecerei meus netos.

— Pai, nós já falamos sobre isso. — disse James. — Eu e Evanna ainda somos muito novos e, além do mais, precisamos terminar de construir a casa antes de pensar em filhos e netos.

— Eu sei. — concordou o velho Brian. — Mas me prometa só uma coisa: cuide bem de seus filhos, como eu cuidei de você. Dê a eles uma infância e adolescência feliz e tranquila, pois é na juventude que tomamos decisões que podem mudar toda a nossa vida.

Naquele momento, James Ferguson começou a se sentir estranho. Lembranças de três filhas gêmeas que ainda não tinham nascido surgiram em sua mente. Ele largou sua vara de pescar e se levantou assustado.

— Eles estavam certos! — disse James agitado.

Senhor Brian olhou para o filho com espanto.

— Do que você está falando, James?

James olhou para o céu à procura de algo.

— Tudo bem com você, filho? — Brian começou a ficar preocupado com James.

— Temos de sair daqui agora! — disse James ao pai.

— Calma, ainda não fígamos nenhum peixe para o jantar. — disse senhor Brian.

Neste instante, a bola de fogo surgiu no céu e James não perdeu tempo: empurrou o seu pai para longe da pedra onde ele estava sentado e, segundos depois, a fagulha caiu sobre a pedra e se desfez em fumaça rapidamente.

— Ficou louco? — disse o senhor Brian ao filho, com muita irritação.

James olhou para o chapéu na cabeça do pai: ele estava intacto.

— Consegui! — disse James, aliviado.

— Conseguiu o quê? — perguntou o senhor Brian, levantando-se nervoso.

Mas James não soube responder. Suas memórias do futuro já haviam se dissipado de sua mente.

— O que eu estava falando mesmo? — perguntou James, confuso.
— Ora bolas! — resmungou o velho Brian, caminhando em direção ao casarão.
— É melhor esquecer o peixe. Acho que você andou bebendo cerveja demais ou então está ficando biruta. Vou pedir a Evanna para fazer ovos fritos esta noite!
Brian Ferguson morreu três anos depois daquela noite...

CAPÍTULO 13

Quando as três Marias ficaram velhas novamente

Eram três irmãs gêmeas. Tinham 63 anos de idade. Não eram idênticas, nem na aparência física, nem na personalidade. A diferença de idade entre elas era de apenas um minuto, mas esse minuto deu a cada irmã uma posição hierárquica na grande família Ferguson.

A mais velha, Maria Jane Ferguson, era a única que morava no casarão vitoriano herdado dos pais. Ela era casada com o senhor Leonídio Lovato, que, como a esposa, era também professor aposentado.

Maria Jane e Leonídio tiveram cinco filhos: duas meninas e três meninos. Todos eles já eram adultos casados e deram aos pais 11 netos.

Maria Jane gostava de manter vivas as tradições de sua família, por isso conservava a originalidade do casarão vitoriano e guardava a sete chaves os pertences de seus antepassados. Ela também organizava o encontro anual da família Ferguson, que acontecia no casarão vitoriano todo dia 17 de março, dia de São Patrício. Maria Jane decorava a casa com fitinhas verdes e trevos de três folhas, pois os netos mais novos adoravam!

A Maria do meio, Luisa Ferguson, casou-se com Maximino Favaretto, dono da maior drogaria da cidade de Muniz Freire. Tiveram três filhas que lhes deram cinco netos. E todos da família trabalhavam juntos na grande drogaria, cada um desempenhando uma função na empresa.

A mais nova, Maria Brida Ferguson, mudou-se para a Irlanda quando tinha 25 anos e lá formou-se em medicina. Voltou ao Brasil e trabalhou como médica na cidade de São Paulo durante 30 anos e depois se aposentou. Casou-se muito tarde, aos 47 anos, com um psiquiatra paulista chamado Fernando Brandão, por isso, não teve filhos legítimos, mas adotou um casal de crianças. Ela era a

única das três Marias que morava fora da cidade, mas nunca deixava de comparecer ao encontro anual da família Ferguson.

Na noite daquela terça-feira, 17 de março de 2009, as três Marias se reuniram no casarão vitoriano para o tradicional encontro da família e também para comemorar o dia de São Patrício. Todos os descendentes das três gêmeas compareceram àquele encontro, pois havia algo mais a ser comemorado naquele dia: os 160 anos do nascimento daquele que deu início à única família de descendência irlandesa no Estado do Espírito Santo: Brian Ferguson.

E, para homenageá-lo, Jane Ferguson reservou uma cadeira à mesa de jantar onde colocou o velho chapéu de feltro marrom de seu avô. Jane não conseguiu entender porque escolhera aquele chapéu, que, apesar de velho, ainda continuava intacto, sem nenhum rasgo ou furo. Jane poderia ter escolhido outro objeto deixado por Brian Ferguson, mas aquele chapéu era especial para ela, pois curiosamente a fazia se lembrar do maior tesouro que já teve em sua vida: a infância maravilhosa que passou junto com as irmãs e seus pais.

Fim

GIANDRO GOMES escreveu oito livros, quatro deles no gênero infanto-juvenil. Em 2008 recebeu o prêmio literário da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo pelo livro “O largo dos macucos”. Em 2012 foi selecionado no concurso literário da Editora Litteris e publicou o conto infantil “A larva que morava no escuro” na antologia “Histórias para ler e sonhar”. Sobre o livro “O Chapéu da Aba Furada” o autor explica que sempre admirou o folclore irlandês e por isso o colocou lado a lado com o folclore capixaba. Nessa mistura ainda inseriu uma divertida viagem no tempo, feita através de um chapéu que ganhou o poder de levar os personagens da história para o futuro depois que sua aba foi queimada pela fagulha de uma bola de fogo, que no nosso folclore é conhecida como “A mãe do Ouro”, lenda muito parecida com a dos Leprechauns do folclore irlandês. O autor mora em Muniz Freire, onde se dedica à produção literária e audiovisual.

giandrogomes@hotmail.com



Parceria



Realização

